Anagrama Revista beta

Transgressão e Passiuidade: um autor e duas mulheres

Danillo Mota Lima[1]
Irenilson Patrício Santos[2]

Resumo

Este trabalho consiste numa pesquisa literária relacionada à figura feminina em obras machadianas, tendo como escopo identificar nos romances "Helena" (1876) e "Memórias Póstumas de Brás Cubas" (1880) arquétipos que configurem a personagem Marcela, deste último, como uma figura transgressora da concepção ideal da mulher burguesa, opondo-se à personagem Helena, do romance homônimo, que permanece passiva ao *status quo* em que está inserida. Assim, leva-se em conta que a sociedade brasileira do séc. XIX era marcada pelo patriarcalismo, cabendo à mulher apenas o papel de procriadora. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico e metodologia interpretativista, baseada em teóricos como MIGUEL-PEREIRA (1950); BEAUVOIR (1967); SCHWARZ (1990) e MOISÉS (2001).

Palauras-chaue: *Literatura Brasileira; Machado de Assis; Memórias Póstumas de Brás Cubas; Helena; Arquétipos Femininos*

INTRODUÇÃO

A estrutura narrativa das obras Machadianas serve como ponto de partida para uma (re)construção do cenário sócio-cutural e também político brasileiro do século XIX. Machado de Assis era um escritor urbano, que transcrevia a sociedade do Rio de Janeiro do Segundo Império. Nessa perspectiva, esse artigo buscará investigar as condições sociais das personagens femininas frente ao arquétipo que eram exigidas a elas, pelo *status quo* criado pela ascensão burguesa.

---

[1] Discente do VII semestre do curso de letras da Universidade Estadual de Santa Cruz. Bolsista do CNPq
[2] Discente do VII semestre do curso de letras da Universidade Estadual de Santa Cruz.

Para tanto, elegemos a personagem Marcela, do livro Memórias Póstumas de Brás Cubas, publicado pela primeira vez em 1880, e a personagem Helena, do romance homônimo, com a primeira publicação datada no ano de 1876. Partiremos da hipótese de que, a personagem Marcela transgride o código vigente, ao oposto de Helena que se enquadra e permanece presente ao *status quo* instituído pela sociedade escravocrata e, também burguesa, do Brasil.

O artigo está dividido em três partes. Na primeira parte, abordaremos a singularidade que as obras machadianas possuem frente às escolas literárias que estavam em voga no cenário literário, tanto brasileiro como europeu. Veremos que Machado de Assis perpassa pelo Romantismo e pelo Realismo sem se deixar emoldurar por nenhuma dessas escolas, criando assim uma idiossincrasia para suas obras.

Na segunda parte, serão analisadas as ações e as características da personagem Marcela. Buscar-se-á nessa parte demonstrar que essa personagem foi uma transgressora do estereótipo criado para a mulher, e que, possivelmente, seu final trágico seria uma sanção por tal transgressão.

A última parte consiste na interpretação da personagem Helena. Mostraremos que o romance fortalece o sistema patriarcal exercido no Segundo Império do Brasil. Verificaremos também que apesar da personagem ser calculista e astuciosa, ela permanece dentro do sistema vigente até então, para preservar a moral e o bom costume.

Assim, utilizando de teóricos dedicados ao estudo literário das narrativas machadianas e de teóricos que verificam a opressão sofrida pela mulher e outros grupos que se situam à margem da sociedade, buscaremos definir o comportamento dessas duas personagens machadianas.

1- SINGULARIDADE MACHADIANA NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O século XIX foi marcado por profundas mudanças, tanto no campo econômico e tecnológico, como também no científico. A Revolução Industrial foi um dos grandes fatores que colaboram para tantos avanços. Nesse período, a burguesia ascende e chega ao apogeu. A população abastada usufrui de grandes invenções como a fotografia, máquina de escrever e o telefone. As mulheres, no entanto, não sentiram tantas modificações em seu

cotidiano. Da pouca instrução educacional que obtinham, apurada pelo patriarcalismo, limitava-se a se tornar boa filha e, posteriormente, boa esposa.

O silêncio e a inércia da mulher, na sociedade extremamente patriarcal, eram corroborados pelo cristianismo - pregado nas sociedades ocidentais. Incumbia a essas figuras respeito, dependência e subordinação aos pais e, logo em seguida, aos maridos. Sobre esse aspecto, notemos:

> O casamento não é apenas uma carreira honrosa e menos cansativa do que muitas outras: só ele permite à mulher atingir a sua dignidade social integral e realizar-se sexualmente como amante e mãe. (BEAUVOIR, 1967, p.67)

Ainda sobre este aspecto, Simone Beauvoir (1967) infere que o casamento é o mais importante dos projetos que uma mulher pode empreender. Ela libertar-se-á do lar paternal e do domínio materno para então se entregar, de forma passiva e obediente, ao seu novo senhor. Nesse sentido, a mulher atua como figurante na sociedade, sua única função será procriar, manter a hereditariedade e zelar pela vida do lar.

No Brasil do século XIX o cenário social era o mesmo, haja vista que, desde a sua formação, a nação brasileira é marcada pela preponderância masculina. Nesse período, chegando o fim da escravidão e a ascensão burguesa, o patriarcado aumenta e tornam visíveis as fronteiras das funções sociais cabíveis ao homem e a mulher (ARRUDA; PILETTI, 2005).

É neste panorama que Machado de Assis constrói sua narrativa. Momento em que o Rio de Janeiro é a capital federal e que possui o ambiente e a movimentação próprios para uma grande cidade. E como um escritor urbano, Machado vai ler esta cidade. Em suas obras, os espaços, os lugares, servem como documentos históricos. Os personagens são alegorias para uma crítica à sociedade burguesa, conforme nos afirma Alfredo Bosi:

> O objeto principal de machado de Assis é o comportamento humano. Esse horizonte é atingido mediante as percepções das palavras, pensamentos, obras e silêncios de homens e mulheres que viveram no Rio de Janeiro durante o Segundo Império. A referência local e histórica não é de somenos; e para a crítica sociológica é quase tudo. (2007, p.11).

Assim, podemos afirmar que Machado de Assis ultrapassa as fronteiras da literatura e abarca também um conhecimento científico-acadêmico nas ciências humanas,

promovendo um diálogo entre literatura e sociedade. Aspecto esse já notado por teóricos como Massaud Moisés:

> O resultado é uma comédia humana carioca nos seus momentos mais característicos. Desenhada, porém, dum tal modo que nela se contemplam os paradigmas da sociedade burguesa da época. E não só: na sondagem do cotidiano miúdo, por vezes suburbano, Machado surpreende arquétipos miúdos, como se o Rio de Janeiro de seu tempo fosse o microcosmo onde se espelhava o ser humano de outras paragens e outros tempos. (2001, p.119)

Poder-se-ia afirmar, a partir das constatações elaboradas acima, acerca das críticas sociais elaboradas por Machado, que o seu estilo literário seria o realismo. No entanto, os críticos literários divergem quanto a este aspecto. Sodré (2002) considera que o escritor caminha por duas escolas literárias: o romantismo e o realismo. Lucia Miguel-Pereira (1950), em contraponto a Sodré, adverte que a representatividade dos romances machadianos não se qualifica em nenhuma das duas escolas, embora ela decomponha suas obras em duas fases, sendo o livro Memórias Póstumas de Brás Cubas o grande divisor. Em acordo com Miguel- Pereira, encontramos Veríssimo, que afirma:

> A data do seu nascimento e do seu aparecimento na literatura o fazem da última geração romântica. Mas a sua índole literária avessa a escolas, a sua singular personalidade, que lhe não consentiu jamais matricular-se em alguma, quase desde os seus princípios fizeram dele um escritor à parte, que tendo atravessado vários momentos e corrente literários, a nenhuma realmente aderiu. (1981, p.415)

Observar-se, assim, que mesmo tendo sua obra divida em duas fases, a partir de Memórias Póstumas de Brás Cubas, Machado de Assis nega, ou não se enquadra, no Romantismo, como também não se deixa emoldurar pelo Realismo. Utilizando de aspectos de ambas as escolas literárias, a obra machadiana cria sua própria independência.

2- MARCELA: A SUBVERSIVA

Memórias Póstumas de Brás Cubas – a partir de agora MBPC - foi publicado, pela primeira vez, em 1880. No livro, um defunto narra a sua vida e as suas experiências como participante da elite burguesa e escravocrata do Rio de janeiro. Com muito humor, ironia e sarcasmo, Brás Cubas nos revela uma farsa social generalizada na sociedade brasileira do século XIX. Sobre essa obra, Schwarz aponta:

> Ao transpor para o estilo as relações sociais que observava, ou seja, ao interiorizar o país e o tempo, Machado compunha uma expressão da sociedade real, sociedade horrendamente dividida, em situação muito particular, em parte inconfessável, nos antípodas da pátria romântica. O homem do seu tempo e do seu país, deixava de ser um ideal e fazia figura de problema.(1990, p.9)

Assim, segundo Schwarz (1990, p.10-11), Machado, na ousadia de sua forma literária, revela a lucidez social, não só do Rio de Janeiro, mas de toda uma época. Essa lucidez é traduzida através da dominação entre as classes, que era de aceitação comum dos integrantes sociais.

Nessas condições, no capítulo XIV, nos deparamos com o primeiro amor de Brás Cubas, a Marcela. Neste capítulo, a personagem é caracterizada da seguinte forma:

> A verdade é que Marcela não possuía a inocência rústica, e mal chegava a entender a moral do código. Era boa moça, lépida, sem escrúpulos, um pouco tolhida pela austeridade do tempo [...] luxuosa, impaciente, amiga de dinheiro e de rapazes. (Assis, 2007, p.31)

Já nessa primeira caracterização da personagem, podemos notar que Marcela não se configura nos moldes que o código moral, da então sociedade, exigia para a mulher. De forma indutiva, na frase, *'amiga de dinheiro e de rapazes'*, Machado nos apresenta uma possível prostituta. Essa transgressão pode ser observada a partir da caracterização que Perrot (2003) faz sobre as funções sociais da mulher. A autora afirma que as mulheres dessa época estavam condicionadas a passividade, sujeitas ao ser masculino, a priori, estava a figura paterna e, em seguida, o marido. Suas funções limitavam-se ao cuidado da casa, dos filhos e do esposo.

Brás Cubas narra a primeira vez em que viu Marcela: "Vi-a sair de uma cadeirinha, airosa e vistosa, um corpo esbelto, ondulante, um desgarre, alguma coisa que nunca achara nas mulheres puras".(2007, p.31). Nessa parte, observa-se outra particularidade da personagem que a configura como fugitiva do *status quo* então vigente. Marcela se diferencia das outras mulheres por não ser virgem. Sobre a sexualidade feminina, nesse período, podemos destacar:

> A mulher tinha que incondicionalmente preservar a virgindade até o casamento e, uma vez casada, manter-se fiel ao marido – e, em caso de desobediência a estas regras, contar com drásticas punições. (STEIN, 1984, p. 33)

Ainda sobre a virgindade da mulher, Beauvoir (1967), infere que a pureza era bastante valorizada, o ato sexual, fora do casamento ilegítimo, causa um desastre na vida

da mulher, e que esta, é considerada desonrada perante a sociedade. O sexo então, para a mulher, só seria permitido após o casamento. Essa ordem moral, segundo Foucault (1999), se constitui na base da burguesia, cuja qual, só aceita o sexo oriundo do casal legitimo, e procriador. A sexualidade seria então reconhecida em um local "mais utilitário e fecundo: o quarto dos pais" (1999, p.10).

Ainda no campo da sexualidade observa-se, em MPBC, o seguinte diálogo: "perguntou-me meu tio, **em segredo**, se queria ir a uma ceia de moças, nos Cajueiros. Fomos; era em casa de Marcela".(2007, p.31, grifo nosso). Constata-se que deve haver um silenciamento quando o assunto era sexo. Foucault mostra que:

> As palavras, os gestos, então autorizados em surdina, trocam-se nesses lugares a preço alto. Somente aí o sexo teria direito a algumas das formas do real, **mas bem insularizadas, e a tipos de discurso clandestinos, circunscritos, codificados**. Fora desses lugares, o puritanismo moderno teria imposto seu tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo. (1999, p.10, grifo nosso)

Nota-se assim que Machado de Assis transcreve um código social vigente para a sociedade. Ele revela que o sexo 'ilegítimo' existia na sociedade, mas estava encoberto por discursos e condutas morais já estabelecidas.

Machado de Assis, em MPBC, homenageia a nossa personagem dando ao capítulo XV o seu nome. Nesse capítulo é narrado as táticas utilizadas por Brás Cubas para conquistar Marcela, e o quanto isso lhe custou, monetariamente e emocionalmente. Vejamos como a conquista foi realizada:

> Teve duas fases nossa paixão, ou ligação, ou qualquer outro nome que eu de nomes não curo; teve a fase consular e a fase imperial. Na primeira, que foi curta, regemos o Xavier e eu, sem que ele jamais acreditasse dividir comigo o governo de Roma; mas, quando a credulidade não pode resistir à evidência, o Xavier depôs as insígnias, e eu concentrei todos os poderes na minha mão; foi a fase cesariana. Era o meu universo; mas, ai triste! Não o era de graça. Foi-me preciso coligir dinheiro, multiplicá-lo, inventá-lo. (Assis, 2007, p.32)

Nessa passagem, ficam claros os reais desejos da Marcela: os bens matérias. Bem com duas subversões que a personagem contempla: a primeira estaria na relação bigâmica entre Xavier e Brás Cubas; a segunda estaria no subterfúgio do estereótipo criado no romantismo oitocentista da época.

Brás Cubas, cego de amor, cobria a amada de presentes. Marcela, dissimulada, fingia estar ofendida com os presentes ofertados, mas sempre os contemplavam e acaba aceitando. Sobre esses aspectos, pode-se pontuar:

> Se apresenta como alguém que pode oferecer um amor nunca vivido pelo outro, marcado por uma inocência que, fazendo parte do jogo sedutor, aumenta o desejo. No entanto, o seduzido não se dá conta da teia que é tramada a sua volta, e o objeto do seu amor vão, paulatinamente, sendo cada vez mais idealizado. A mulher nesse teatro, do qual ela também não tem percepção completa, busca uma vitória através do avassalamento do outro. Esse outro, como todo aquele que está sob o domínio da paixão, só vê as qualidades do objeto amado, perdendo grande parte de sua capacidade crítica. (Freitas 2001, p. 114)

Nesse sentindo, Brás Cubas só retoma sua capacidade critica quando o seu pai, sabendo das dividas feitas para os presentes oferecidos à Marcela, o envia para Portugal para fazer faculdade. Após todo o sofrimento pela recusa de Marcela em viajar com ele, Brás cubas chega à conclusão: "Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos." (2007, p.37)

Ao retornar da Europa, Brás Cubas reencontra com Marcela totalmente deteriorada de uma varíola que contraiu:

> Não era esta certamente a Marcela de 1822; mas a beleza de outro tempo valia uma terça parte dos meus sacrifícios? Era o que eu buscava saber, interrogando o rosto de Marcela. O rosto dizia-me que não; ao mesmo tempo os olhos me contavam que, já outrora, como hoje, ardia neles a flama da cobiça. Os meus é que não souberam ver-lha; (ASSIS, 2007, p.75)

Percebe-se nesse trecho que o narrador se questiona se todos os esforços feitos por ele para agradar a amada valeram a pena, uma vez que ele tomou consciência que o amor era sustentado pelos presentes ofertados à Marcela. Sendo assim, podemos acreditar que a doença que atingiu Marcela poderia ser uma forma de condenação por seus atos de cobiça e luxúria. Aspectos estes, que a distanciam do arquétipo feminino que a sociedade exigia:

> A grande diferença existente entre elas está em que a mulher legítima, oprimida enquanto mulher casada, é respeitada como pessoa humana; esse respeito começa a pôr seriamente em xeque a opressão. Ao passo que a prostituta não tem os direitos de uma pessoa; nela se resumem, ao mesmo tempo, todas as figuras da escravidão feminina. (BEAVOUIR, 1967, p.324)

Assim, podemos constatar que a personagem Marcela foi uma transgressora dos códigos morais impostos pela burguesia brasileira. Além disso, verificamos que o fato de romper com o *status quo* burguês, a personagem sofre as sanções sociais e acaba se tornando uma guardiã das opressões femininas.

3- HELENA: A SUBMISSA AOS DITAMES SOCIAIS

Lançado em 1876, este romance narra a história de uma jovem, Helena, que recebe uma herança de seu "pai adotivo", sendo necessário ir morar com a família do Conselheiro (falecido), que não sabia da sua existência. Inicialmente a família não aceita tal recomendação do Conselheiro, mas como era seu último desejo testamentado, a irmã e o filho não vêem alternativa. Aos poucos Helena vai conquistando o meio irmão, e logo depois a tia.

Helena, nossa personagem principal é caracterizada da seguinte forma:

> Helena praticava de livros e alfinetes, de bailes ou de arranjo de casas, com igual interesse ou gosto [...] atenciosa e ouvida, sem entorno ou vulgaridade. Havia nela a jovialidade da menina e da composura da mulher feita,um acordo de virtudes domesticas e maneiras elegantes. Além das qualidades natruais, possuía Helena algumas prendas de sociedade, que a tornavam aceita a todos [...] era pianista distinta, sabia desenho, falava corretamente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costuras e bordado e toda a sorte de trabalhos feminos. (ASSIS, p.22, 2008)

Tal descrição torna romance, de certo modo, um retrato que descreve, alguns aspectos da família patriarcal brasileira, estando envolto com o desejo matrimonial, da pureza, tradição, Schwarz (1977).

Ainda sobre esse *status quo* que estava em voga no século XIX, Beauvoir, expõe:

> Assim, o trabalho que a mulher executa no interior do lar não lhe confere autonomia; não é diretamente útil à coletividade, não desemboca no futuro, não produz nada. Só adquire seu sentido e sua dignidade se é integrada a existências que se ultrapassam para a sociedade, na produção ou na ação: isto significa que, longe de libertar a matrona, ele a coloca na, dependência do marido e dos filhos; é através deles que ela se justifica: em suas vidas ela é apenas uma mediação inessencial. (1967, p.209)

No Capítulo VIII, Estácio decidido a rejeitar a candidatura, pede conselho à Helena que responde: "Pelo contrário, penso que deve aceitar. Além de haver consentimento de minha tia, parece ser um grande desejo do pai de Eugenia".(ASSIS, 2008, p.45). Essa atitude de Helena revela outra característica que comprova que seu caráter estava moldado nos ditames da sociedade burguesa do séc. XIX. E mesmo apaixonada pelo seu "meio irmão", Helena incentiva o casamento entre ele e Eugenia. Tal aspecto é notado na seguinte passagem:

> Pode ser, mas ao marido cabe a tarefa de fixar essa impressão passageira... O casamento não é uma solução, penso eu; é um ponto de partida. O marido fará a mulher. Convenho que Eugênia não tem todas as qualidades que você desejara; mas, não se pode exigir tudo: alguma coisa é preciso sacrificar, e só do sacrifício recíproco é que nasce a felicidade doméstica. (ASSIS, 2008, p. 51)

Noutro trecho da narrativa, Machado apresenta traços características que, em princípio, eram destinados apenas aos "homens": "Você devia ter nascido homem... Homem? Homem e advogado. Sabe defender com habilidade as causas mais melindrosas", Assis (2008, p. 40).

De acordo com Miguel-Pereira (1955, p. 177-78), Helena, aproveitando-se de um equívoco, tenta uma ascensão social, sendo duramente castigada, pois tem que abandonar uma pessoa querida. Ela era calculista e astuciosa, mas não esquecia o passado e continuava, à medida do possível, a relação com seu pai biológico, que vivia "escondido" numa casa próximo à nova morada de Helena. Também tinha virtudes enraizadas, pelas quais abdicaria da herança, casaria com alguém sem amor para afastar-se do pseudo "irmão", conforme a descrição "senhora do segredo de seu nascimento, e consciente de amar sem crime, a moça apressara, não obstante, o casamento de Estácio e escolhera para si um noivo estimado apenas", (ASSIS, 2008, p.123). Após confessar e ser compreendida pela família sobre os reais motivos que a levaram a mentir/omitir sobre o seu passado, a protagonista renuncia para não ser malvista pela família e sociedade, sob pena de romper as regras, preferindo a morte, Schwarz (1977).

A narrativa apresenta-se de acordo com os ditames institucionais vigentes naquele período histórico, estando suas personagens ajustadas à ordem, sem discordância, tornando os conflitos pouco heróicos ou românticos, em que não há o conflito declarado para não desmistificar a bondade familiar. Segundo Perrot (1992), nesse período histórico, o papel, as tarefas, os espaços da mulher eram bem delimitados, quase predeterminados: criada para os afazeres domésticos seria mãe e esposa, em benefício da sociedade.

Podemos, por fim, considerar Helena em uma das classificações que Beauvoir (1967, p.388), faz a respeito das mulheres. Assim Helena seria:

> Fria, masoquista, sádica, santifica-se renunciando à carne, fazendo-se de vítima, abafando em si qualquer impulso vital; mutilando-se, aniquilando-se, sobe na hierarquia dos eleitos.

Assim, confirmando a o que Schwarz (1977), afirma sobre Helena, consideramos que esta personagem sublinhada pela conformidade social busca corrigir os seus erros permanecendo submissa ao *status quo* vigente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Machado de Assis, à sua maneira peculiar de escrever, buscava retratar a sociedade brasileira oitocentista na sua essência. Os temas não eram diversificados, em geral falavam de amor, mas sempre visto/sentido/vivido por diferentes prismas e situações. A partir desse tema central, o autor mostrava outros assuntos secundários, como segredos da alma humana, e descrição do moralismo social do qual fazia parte.

Sendo analisadas as personagens Marcela, em MPBC, e Helena, em *Helena*, verificou-se comportamentos dessas mulheres fortes e marcantes, e distintos perante a sociedade. Uma vez que, de acordo com Pravaz (1981), a mulher do séc. XIX era vista como representante de um modelo, sendo integrada a esta ou aquela categoria. Dentro desse prima, enquanto a primeira é considerada subversiva devido a suas atitudes e estar à margem do convencionalismo, a segunda oprime-se para manter-se fiel aos costumes e regras sociais, sendo capaz até de anular-se para não os romper.

A personagem Marcela foge aos arquétipos vigentes da mulher, fazendo o leitor refletir sobre o papel da mulher na sociedade. Inversamente, Helena, uma jovem que não tem ambições materiais, é apresentada como uma mulher forte e decidida, mas não tem coragem de lutar pelo seu amor para não contrariar o estereótipo da mulher burguesa, mesmo que em ascensão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, José; PILETTI, Nelson. **Toda a História:** História Geral e História do Brasil. 12ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

ASSIS. Machado de. **Helena.** São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

_____. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2007.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. V.2. Tradução de Sergio Milliet. São Paulo: Difusão européia do livro, 1967

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis:** o enigma do olhar. São Paulo: Martin Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I** – A vontade de saber.13. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. **Freud e Machado de Assis**: uma interseção entre psicanálise e literatura. Rio de Janeiro: Mauá, 2001.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. Confissões. In:_____. **Machado de Assis** (estudo crítico e biográfico). Rio de Janeiro. J. Olympio, 1955.

_____. **História da Literatura Brasileira**: Prosa de Ficção (de 1870 a 1920). SP: Livraria José Olympio Editora, 1950.

MOISÉS, Massaud. **Machado de Assis:** Ficção e Utopia. São Paulo: Cultrix, 2001.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. trad. Denise Bottmann. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Os silêncios do corpo da mulher**. In: MATOS, Maria Izilda S. de Matos & SOIHET, Rachel (org.) O corpo feminino em debate. São Paulo: UNESP, 2003, p. 13 – 27.

PRAVAZ, Susana. **Três estilos de mulher:** a doméstica, a sensual, a combativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SCHWARZ. Roberto. Generalidades. In: _____ **Ao vencedor as batatas.** São Paulo. Livraria Duas Cidades, 1977.

_____. **Um mestre na periferia do Capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo. Livraria Duas Cidades, 1990.

SODRÉ, Nelson. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

STEIN, Ingrid. **Figuras femininas em Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

VERISSIMO, José. **História da Literatura Brasileira:** de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1981.